

## SENTIDOS EM TRÂNSITO: POSSÍVEIS FORMAS DE SOCIABILIDADE A PARTIR DO COMANDO “CURTIR”, NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Diego Henrique Pereira\*

### Resumo:

*A assim chamada evolução tecnológica e seus processos históricos têm produzido derivas nas formas de sociabilidade entre os sujeitos. Este trabalho busca analisar o funcionamento discursivo de redes sociais, de modo a compreender, a partir dos dispositivos teóricos e analíticos deste campo da ciência (Análise de Discurso), os sentidos de sociabilidade que se produzem na rede social Facebook. Tomou-se como recortes de análise materiais relativos à mesma rede mencionada anteriormente. A relevância da pesquisa reside na busca pela compreensão dos sentidos e mecanismos de sociabilidade, das diferentes e não estanques formas de “sociabilidade” na materialidade desta rede, por meio da compreensão da produção de sentidos no discurso. O sentido, ao poder sempre vir a ser outro, pela constituição, formulação e circulação, produz, por um lado, efeitos de controle e tentativa de contenção de deriva nos processos e formas de sociabilidade e, por outro, produzem dispersões, derivas, espaços de significação nos quais novos sentidos podem se produzir.*

**Palavras-chave:** *Discurso; Facebook; Sociabilidade; Curtir.*

### Résumé:

*La soi-disant évolution technologique et ses processus historiques ont produit des dérives dans les formes de sociabilité entre les sujets. Ce travail vise à analyser le fonctionnement discursif des réseaux sociaux, afin de comprendre, à partir des dispositifs théoriques et analytiques de ce champ de la science (analyse du discours), les significations de la sociabilité qui sont produites dans le réseau social Facebook. Des matériaux ont été prises dans le réseau mentionné ci-dessus. La pertinence de la recherche réside dans la recherche de la compréhension des sens et des mécanismes de sociabilité, des formes différentes et non scellées de «sociabilité» dans la matérialité de ce réseau, à travers la compréhension de la production de significations dans le discours. Le sens, pour pouvoir toujours en devenir un autre, par constitution, formulation et circulation, produit d'une part des effets de contrôle et tente de contenir la dérive des processus et des formes de*

---

\* Mestre em Ciências da Linguagem e doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás). Contato: [diego@professordiegopereira.com.br](mailto:diego@professordiegopereira.com.br)

*sociabilité et, d'autre part, produit des dispersions, dérives, espaces d'importance dans laquelle de nouvelles significations peuvent être produites.*

**Mot-clés:** *Discours; Facebook; Sociabilité; J'aime.*

## **Iniciando o movimento de análise**

O homem, mesmo vivendo em milhares de espaços distintos, compartilha um mesmo espaço virtual, através das redes sociais de relacionamento, produzindo um efeito de proximidade, muitas vezes não existente, mas que constitui sujeitos e busca configurar novas formatações e regimes de sociabilidade. Transitar entre os espaços virtuais sugeriria ao homem maior poder de interação, possibilitando a maior interpretação e significação de si e do outro.

Este artigo busca compreender discursivamente o funcionamento de alguns ícones/comandos presentes na rede social *Facebook*, bem como a produção de sentidos que funcionam a partir desses comandos. Busca ainda analisar discursivamente as relações balizadas pelas redes sociais, de forma particular no *Facebook*, e seu funcionamento na produção de sentidos.

Trilhar os caminhos propostos pela Análise de Discurso é levar em consideração o sujeito enquanto efeito do discurso, demonstrado por este campo teórico em sua não transparência. Todavia, ponderar a opacidade tanto da linguagem, quanto do sujeito, “coloca-nos” a analisar os movimentos dos sentidos. O jogo dos sentidos funciona no trânsito entre sujeitos, discursos e sentidos, pois não existe discurso sem sujeito, e nem sentido sem discurso; daí considerar a não transparência na linguagem é fundamental para a Análise de Discurso.

Serão tomados como *corpus*, recortes como ferramentas, recursos e disposições gráficas, ícones de direcionamentos e outros materiais relativos ao funcionamento do *software online* da referida rede. Assim, acerca das diferentes formas de interação e sociabilidade no *Facebook*, mostrar-se-ão as possíveis derivas produzidas pelo comando ‘Curtir’, e ícones do comando ‘Reagir’.

## **Diferentes Formas de Sociabilidade no *Facebook***

A circulação dos discursos nas redes sociais, inclusive aquelas que funcionam em ambientes virtuais, produzem sentidos (co)relacionados à objetividade dos processos, em que a brevidade se torna comum em uma relação trabalhosa; em que a

massificação dos relacionamentos incide na ilusão da facilidade de que, através de ‘apenas um clique’, todas as complexidades estarão resolvidas – principalmente, aquelas que se movimentam ao redor das diferenças.

O *Facebook* surgiu a partir de uma experiência do jovem Mark Zuckerberg em Harvard, que na ocasião buscava desenvolver um *site* (*software*) que media a popularidade das pessoas, através de comparações entre perfis, buscando evidenciar diferentes posições-sujeito, refletindo sua particularidade (traços da personalidade), sendo reais ou imaginários (KIRKPATRICK, 2011).

Quando se fala de materialidade, além da produção de evidências dos sentidos, ela também representa, mas não somente, a parte material do discurso – o espaço em que circulam e se fazem presentes os processos discursivos. Falar sobre redes sociais é mais uma forma de buscar compreender o complexo funcionamento das relações interpessoais; pois neste espaço funcionam novas formatações, diferentes posições sujeitos e sentidos nas mais diferentes materialidades, principalmente quando tomamos como foco o discurso digital.

Na rede social virtual – *Facebook* –, percebe-se o movimento da identidade na relação sujeito e projeção individual que está baseada em diversos fatores para que esse movimento seja possível, por exemplo, o capitalismo, que produz sujeitos de consumo; o hedonismo que mostra a capacidade do sujeito buscar sem medidas o prazer como o bem supremo. Identidades são produzidas na ilusão de serem controladas a partir das formas em que são descritas/escritas, faladas ou representadas através das redes sociais. Logo, percebe-se que, no ambiente virtual, os usuários (aqueles que se inscrevem na posição de utilizar a rede) recorrem da escrita – linguagem escrita para ‘ser’ – logo, para pertencer (‘ser’) a grupos sociais é preciso se inscrever nos mesmos como participantes ou simpatizantes das mesmas ideias ou formações ideológicas. Percebe-se o jogo dos sentidos e o movimento dos sujeitos na relação indireta – entre linguagem, pensamento e mundo; no entanto, identidades transitam na rede na velocidade da tecnologia, na qual o sujeito se constitui a partir da ilusão do ‘poder ser’ o que quiser.

Atualmente, as redes sociais virtuais, de forma especial o *Facebook*, possibilitam-nos indiretamente a realizar estas escolhas baseadas em comparações e julgamentos. Na rede, temos a oportunidade de realizar estas escolhas de maneira sutil, funcionando inclusive, através do ‘Curtir’, ou até mesmo ‘deixar de curtir’ conteúdos e perfis.

Analisando este comando ‘Curtir’ discursivamente, uma nova maneira de percebê-lo é colocada em funcionamento, pois a superficialidade linguística relaciona-se à textualidade de tal ícone, à discursividade que o mesmo produz. Portanto, analisar o comando ‘Curtir’, é transitar pelo jogo dos sentidos, observando os processos que os produzem, evidenciando as inúmeras possibilidades de produção de efeitos de sentido.

Diversas possibilidades de sociabilidade são colocadas em funcionamento da rede social virtual *Facebook*. A rede, por sua vez, busca ‘controlar’ ou ao menos ‘abarcando o controle’ a partir de comandos cujo acionamento é disponibilizado de forma simples e eficaz. Porém, percebe-se que comportar-se de forma ‘indiferente’ (não estar na relação) às postagens de outros usuários da rede, pode produzir um efeito de ‘indiferença’ (mesmo que ilusório), violando a ‘impressão’ de dominância e controle daqueles que postam, pois no momento em que se deixa de curtir postagens de ‘amigos’, como são chamados os usuários do *Facebook* – uma relação de ‘não reciprocidade’ é produzida.

No advento das redes sociais virtuais, derivas são produzidas nos efeitos de sentido em relação aos comandos que o *Facebook* disponibiliza; pois considerando a linguagem um sistema aberto, muitas possibilidades se edificam na produção de evidências. A Figura 1 exibe um recorte que mostra o comando ‘Curtir’, que se encontra disposto abaixo de cada postagem, podendo ser acionado a qualquer momento, tornando assim possível o funcionamento de vários efeitos de sentido, assim mostrando o linguístico (verbal) tentando administrar os sentidos.

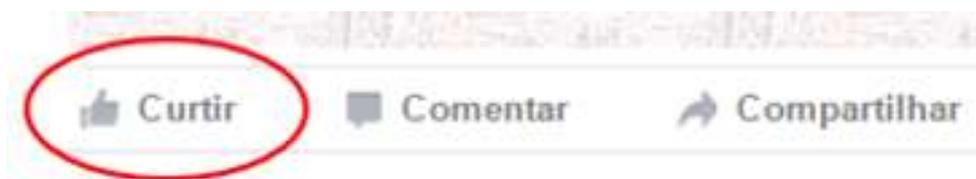


Figura 1 – Recorte 1: Ícone curtir na página do *Facebook* (2016)

Do lado inferior esquerdo de cada postagem – seja ela na forma de texto, imagem ou vídeo –, encontra-se o comando nomeado pelo próprio *Facebook* de ‘Curtir’, acompanhado com o ícone figurado por uma mão com o polegar levantado, indicando o sinal de positivo; um signo linguístico que retoma a memória do ‘joia’, do ‘positivo’. A partir de processos parafrásticos (o mesmo) e polissêmicos (o diferente), o discurso se produz à medida em que o interdiscurso afeta a formulação, ou seja, ao

dizer algo, outros discursos afetam e funcionam naquilo que ‘enunciamos’. Dá-se aí, o que a Análise de Discurso propõe como constituição histórica dos sentidos.

Considerando a memória do dizer, o indicativo do sinal de positivo, ao ser representado simbolicamente pelo ‘joia’, pode-se recorrer a uma interpretação possível que se orienta em direção a ‘gostar’. Interpretação que pode se sobrepor a outros sentidos, que por sua vez continuam funcionando e produzindo sentidos. Analisando linguisticamente, a palavra ‘curtir’ funciona em uma relação sinonímica com a palavra ‘gostar’, que, traduzido da palavra inglesa *like*, deriva para diversas possibilidades de sentidos, filiando-se também a diferentes discursos.

A manifestação da opinião em relação a qualquer postagem na rede social virtual *Facebook* pode ser feita através do comando ‘Curtir’, este que não se cerca somente no sentido de ‘Gostar’, mas produz derivas em diferentes formações discursivas. No Brasil, o comando é nomeado como ‘Curtir’, diferentemente da maioria dos países do continente americano e europeu, mesmo com língua diferente da língua inglesa, que mantém o ícone com o nome *‘like’*. Verifica-se, então, que a modificação do nome do comando orienta as interpretações possíveis sobre ele no contexto brasileiro, fazendo com que os sentidos deste comando tomem novos rumos, novas possibilidades de sentidos que não se cercam na associação do gostar; mesmo funcionando aí esse pré-construído. A partir de um esquema parafrástico, percebe-se o movimento dos sentidos, desta forma mostrando mais uma vez que a relação mundo, pensamento e linguagem não é direta. Os processos simbólicos trazem à análise um olhar diferenciado, o olhar com que a Análise de Discurso constitui seus dispositivos teóricos e analíticos (ORLANDI, 2007).

Observam-se no esquema parafrástico da Figura 2, na sequência, elementos hedonistas presentes nas derivas propostas na série da esquerda, em que o ‘gostar’ inicia esse movimento no jogo dos sentidos, uma vez que a ideia de que para o ser viver a completude da vida é preciso usufruir a ‘felicidade’ constantemente. Percebe-se que a felicidade, muito mais que uma situação da vida, passa a ser elemento que protagoniza a identidade do sujeito, formando assim aspirações para que o mesmo se formule enquanto um ‘sujeito de conquistas’.

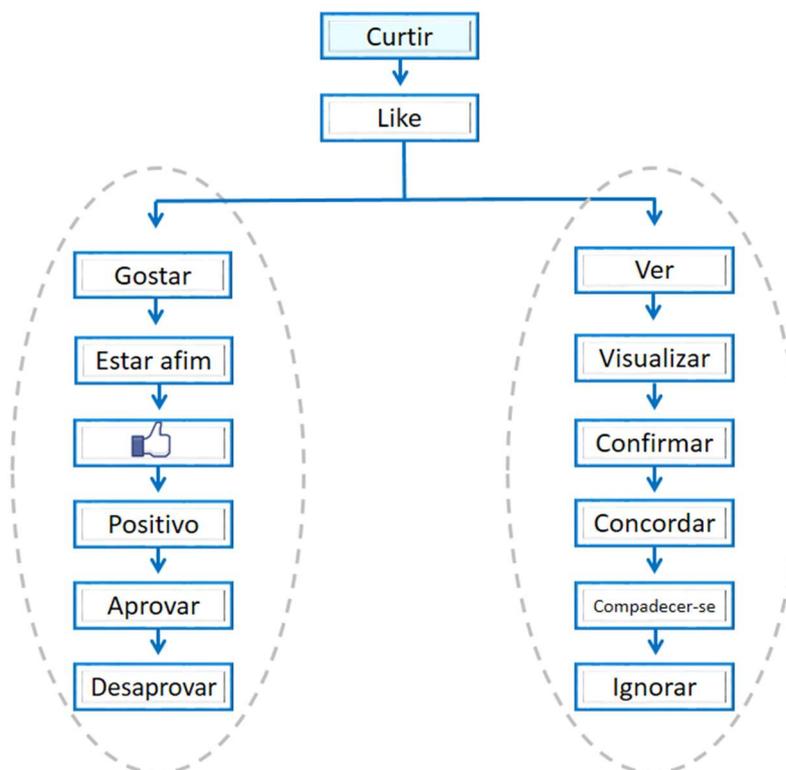


Figura 2 –Esquema de paráfrases do comando 'Curtir'

Baseado na busca de prazer, o sujeito vive a tensão entre a ‘felicidade’ vinda do prazer e a ausência de contrariedades que delimitam ou até mesmo impedem que as situações prazerosas venham à tona. Porém, quanto mais o sujeito tenta diminuir o ‘sofrimento’, colocado em contraponto com o prazer, mais frustrado o mesmo se torna, uma vez que a vida é feita também de situações não muito agradáveis, que o sofrimento é natural e dominante. Verifica-se que o sujeito nas redes sociais, projeta uma identidade ao mesmo tempo livre de sofrimentos (quando convém), mas na contramão do bem-estar proporcionado pelo prazer, onde a associação com a fruição, faz produzir sujeitos e sentidos hedonistas.

Segundo Costa (2011), o homem se produz como um ser ansioso frente aos sofrimentos naturais da vida; e em cada possível situação da falta de prazer, ele reage como produtor do mesmo a partir de alguma falha de conduta, e/ou cumprimento de obrigações. Tratar-se-ia do ‘Discurso Hedonista’ – que representa a busca constante do sujeito pela aprovação de outros sujeitos, como se houvesse necessidade de receber através de um gesto positivo de confirmação, e/ou aprovação do conteúdo ou até mesmo do usuário. Esse seria o imaginário mobilizado pelo comando ‘Curtir’.

Contudo, além de derivar-se para o sítio do ‘Hedonismo/Externalização da Subjetividade’, produz efeitos de sentidos distintos daqueles analisados no esquema de

paráfrases acima, em que o ‘Like’ pode deslizar para o ‘Ver’. Além da visão fisiológica do homem – retratada como um dos cinco sentidos humanos–, essa análise busca compreender os possíveis sentidos do ‘ver’, mobilizado recentemente pelo esquema de paráfrase que produz os seguintes deslizes: ver; visualizar; confirmar; concordar; compadecer-se; ignorar.

Verifica-se nesse esquema parafrástico que diferentes sentidos podem ser produzidos a partir da externalidade do discurso – interdiscurso; colocando em funcionamento uma série de processos discursivos e efeitos de sentido (ORLANDI, 2015a), dentro do ‘Discurso de Vigilância’. O esquema de paráfrases exposto mostra esse movimento do mesmo e do diferente, da paráfrase e da polissemia trabalhando na produção e circulação do dizer.

Considerando o movimento dos sentidos, é impossível afirmar a literalidade de um enunciado, que pode deslizar-se ou/e deslocar-se por diferentes direções no discurso; sendo assim, o enunciado ‘ver’ pode deslizar para o ‘visualizar’, que seguindo o jogo dos sentidos, deriva para outros prováveis. O interdiscurso, no processo de produção dos possíveis sentidos de ‘Curtir’, perpassa a memória do ‘gostar’, da ‘aprovação do outro’, a partir do que ele diz em tal rede através de suas postagens. No entanto, o usuário, sempre ‘livre’ para postar, também possui uma liberdade para ‘Curtir’, ou deixar de curtir postagens de outros usuários; sendo as duas ações produzidas por inúmeras possibilidades.

Compreende-se que o ‘Curtir’ apela para uma memória discursiva relacionada à aprovação, afinal, o usuário pode acionar o comando do ‘Curtir’, silenciando assim outras formas do gostar, a não ser pela aprovação, assim censurando outros sentidos (ORLANDI, 2015a).

O ícone ‘Curtir’ no *Facebook* propõe também a circulação do sentido ‘gostar de’, ou pelo menos, os usuários são inseridos em condições de produção que possibilitam seu acionamento. Logo, percebe-se que o modo como o *Facebook* se organiza, e a suas ferramentas etc., possibilita que tal pré-construído possa entrar em funcionamento, a fim de articular a ilusão da unicidade desse sentido (gostar), em que a aprovação é materializada através do acionamento do comando.

Dentre as várias direções que os sentidos de ‘Curtir’ podem tomar, que, neste campo teórico, tratar-se-á como noção de deriva, atentar-se-á a duas formações discursivas, que se movimentam na evidência e silenciamento de alguns sentidos, para que outros circulem e, assim, fazendo funcionar processos de significação. Logo ‘Curtir’, que é verbo transitivo direto, exige um complemento – objeto direto; porém

percebe-se que no comando o objeto não é explicitado; permitindo um espaço equívoco pela elipse do complemento.

Quando se aciona o botão ‘Curtir’, pode-se fazer circular o sentido de ‘aprovar’, concordar com o elemento postado, demonstrando afinidade não somente ao conteúdo postado (que podem ser muitos), mas também àquele que posta. A aprovação pode sofrer deslizamentos significativos, possivelmente sendo assinada tanto pelo ícone ‘Curtir’, quanto pelo ícone ‘Compartilhar’ – sentido de uma escala mais apurada do ‘aprovar’; ou seja, de tanto que se aprova, também compartilha. Desconsiderar as condições de produção dos discursos é o mesmo que dificultar a interpretação de outras direções para os sentidos, pois além de se tratar de uma importante parte do processo discursivo, esta mobilização ajuda na interpretação das formulações do dizer.

O assujeitamento ideológico é aquele em que o sujeito se inscreve em uma formação discursiva e, desta forma, se identifica a um sítio de sentidos e não outros, fazendo funcionar processos ideológicos por meio de práticas. Funcionando de forma a interpelar o indivíduo em sujeito, a ideologia produz evidência a partir da constituição dos sujeitos e dos sentidos. A forma de compreender o mundo e suas relações sociais coloca o sujeito frente a formações discursivas variadas, e são elas a serem abordadas neste trabalho, representando as diferentes classes sociais, representada pelos bens materiais instaurados por este regime econômico.

No espaço digital/virtual, a influência do Estado Capitalista torna-se perceptível através das postagens dos usuários da rede *Facebook*, na qual circula, além de grupos específicos baseados na situação socioeconômica, um bombardeio de publicidade que tem tomado o espaço de interação entre as pessoas, evidenciando aspectos financeiros como divisor de grupos de referência, ou seja, só pertença quando tenho. A partir da aprovação, engendrada pelo comando ‘Curtir’, uma espécie de aprovação circula entre os sítios de formações discursivas relacionadas à afinidade, ou melhor, ao curtir a postagem de um usuário, os sentidos podem ser diversos, mas também podem funcionar como ‘ponte’ para a pertença a um grupo de referência. Pertencer a uma formação discursiva, em suma, é filiar-se a redes de sentidos, assim, integrando o discurso a sua exterioridade (interdiscurso) que funciona na relação dos já ditos; ou seja, a estratificação de sentidos engendrados por uma memória, aqui chamada de memória discursiva (ORLANDI, 2007).

A opacidade de “curtir” produz uma série de equívocos, fazendo com que o sentido deslize entre ver, visualizar, confirmar, concordar, compadecer-se, ignorar (sentidos que consideramos, neste trabalho, que se filiam ao ‘Discurso de Vigilância’).

Portanto, ao acionar o ícone ‘curtir’, o sentido de mostrar que o conteúdo foi ‘visto’ também pode ser considerado um efeito de sentido. É possível observar que nem sempre, quando se curte alguma postagem no *Facebook*, o sentido comum de ‘gostar’ ‘like’ é colocado em circulação, pois, por conta das projeções sociais, o comando também pode ser acionado porque a postagem está ligada a alguém com quem busco estabelecer uma ‘relação’.

Segundo Nunes (2013), na especificidade da busca da relação entre o clique e o ‘gostar’ é determinante que haja um gesto que os coloque em funcionamento, ou seja, há uma injunção (do sujeito) a se clicar em determinada postagem. Sobre esta injunção ‘clicar-gostar’, compreendemos que este gesto se efetua no sentido de obrigatoriedade e pressão das circunstâncias – ou interesse específico.

Negroponte (2006) parte do princípio de que o gesto de ‘clicar’ e ‘curtir’ é estruturante da relação sujeito com a materialidade virtual, sendo que tal gesto inscreve simbolicamente o sujeito nesta relação. O autor é citado por Nunes (2013, p. 327), considerando que esse gesto é uma “propriedade que funda uma evidência: quando se está navegando, lendo em tela, falando com alguém no *Facebook* há injunção ao clicar!” A quantidade de curtidas de uma postagem no *Facebook* pode representar a popularidade tanto do conteúdo postado, quanto do usuário que posta.

Outro possível efeito de sentido do comando ‘Curtir’ é o de ‘importar-se’, ‘compadecer-se’, ou até mesmo o ‘ignorar’ – este último que circula no contraponto do sentido de compadecimento. Diferentes efeitos de sentidos podem ser produzidos a partir do comando ‘Curtir’, logo a possibilidade de uma postagem ser vista e não ser curtida faz funcionar possivelmente o efeito de ‘neutralidade’ – ou seja, fazendo com que o usuário seja indiferente à postagem de outro usuário, seja por qual for o motivo do não acionamento. O silêncio atravessa as palavras dando sentido às mesmas; portanto, não tratar-se-á o silêncio como ausência de palavras, ou como pausa da fala, mas como parte do processo de produção de sentidos (ORLANDI, 2015b). Verifica-se que a partir do silenciamento do enunciado ‘Curtir’, outros sentidos são colocados em funcionamento, mesmo não estando linguisticamente inscritos, mas funcionam como se estivessem materialmente presentes; aspecto retratado na próxima análise – a do ‘Não Curtir’. O esquema de paráfrases que segue na Figura 3 apresenta uma possível relação entre ‘Curtir’ e ‘Não curtir’.



Figura 3 – Esquema do batimento, curtir e não curtir

O ‘não curtir’ remete a uma memória de depreciação em relação à opinião alheia, principalmente em uma rede social com a dimensão do *Facebook*, na qual escolher o comando ‘não curtir’ em relação às postagens alheias faria funcionar a desaprovação de tal postagem ou de seu conteúdo.

No sítio dos sentidos que se relacionam com a ‘desaprovação’, a ‘afronta’ pode produzir sentidos de ‘repulsa’, ou até mesmo, ‘condenação’ da postagem, no esquema, na sequência. No mesmo, percebe-se o funcionamento da ‘intolerância’ das ‘diferenças’, sejam elas sociais, intelectuais, culturais ou, até mesmo, socioeconômicas; situações que são injungidas ao postar um conteúdo em que a ‘livre expressão’ é articulada. O incômodo daquele que vê pode ser uma forma de discordar, como pretexto para críticas ou até processos de segregação previstos pelo *Facebook* – por exemplo, por meio de outros comandos como ‘ocultar atualizações’ ou ‘não quero mais ver isso’, ‘bloquear’ ou ‘denunciar’ – como na Figura 4.

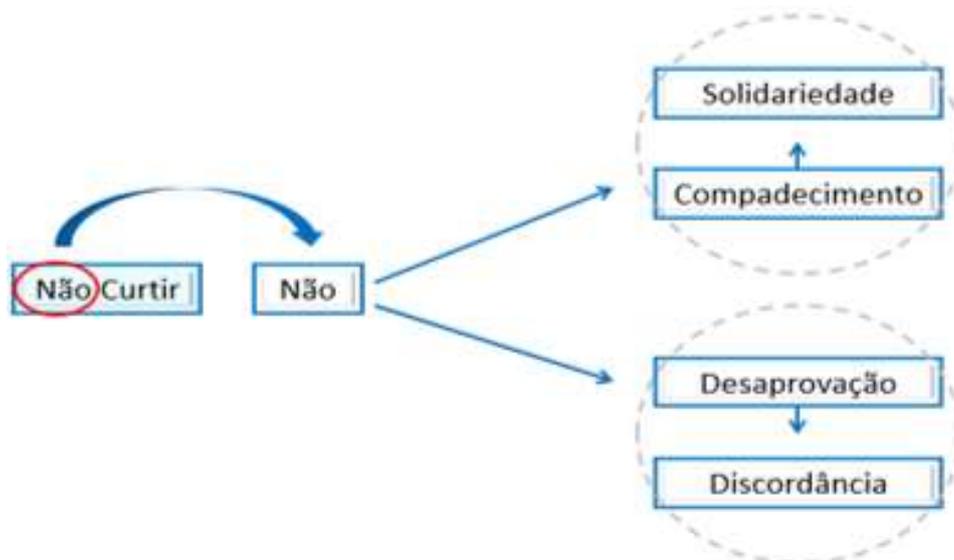


Figura 4 – Esquema de formações discursivas do ‘Não Curtir’

Segundo Orlandi (2015b), o silêncio não é transparente, mas é fundador, ao mesmo tempo em que trabalha as ambiguidades, tanto quanto as palavras. O estar em silêncio, não necessariamente, produz o sentido de abster-se do dizer; pelo contrário, silenciar-se pode dizer bem mais do que as palavras podem expressar.

Mesmo não havendo o comando icônico no *Facebook* do ‘não curtir’, isso não impede, muito menos apaga a memória da censura; pelo contrário, ela funciona na repressão da ‘livre expressão’, do dizer algo querendo dizer outro, pois este outro circula na memória do dizer.

Busca-se exemplificar o funcionamento da paráfrase ‘não curtir’, tomando como material de análise o recorte 2, que segue na Figura 5, em que um usuário do *Facebook* posta em seu perfil uma imagem com os dizeres em letras maiúsculas e garrafais ‘O Brasil vai mudar quando o povo entender que herói... É isso aqui e não isso aqui’.



Figura 5 – Recorte 2: Postagem do ‘usuário X’ – ‘Curtir versus Não Curtir’  
Fonte: Página do *Facebook* (2016)

O ‘é isso aqui’ refere-se à imagem da esquerda na qual é possível observar um homem, possivelmente, escrevendo fórmulas em um quadro-negro. Já o ‘e não isso aqui’ refere-se à imagem da direita na qual é possível observar Neymar, famoso jogador da seleção brasileira com seu uniforme.

Ao realizar essa postagem, com diferentes materialidades significantes, o usuário assume uma posição em relação à situação do Brasil – de (des)valorização da educação, uma vez que a imagem à esquerda mobiliza uma outra memória, a do

professor convencional – lecionando a partir de anotações no quadro-negro. O contraponto entre o professor e o jogador de futebol é colocada na relação da posição-sujeito ‘herói’, pois o ponto de paridade e diferença entre os dois sujeitos está justamente ligado à maneira que a sociedade ‘povo’ representa cada um.

Os aspectos econômicos, ou financeiros dos diferentes cargos representados no recorte, é silenciado pelo *status* dos próprios cargos (relação de poder), pois na textualidade apresentada acima, não é mencionado, diretamente, o salário do professor e do jogador, mas, o mesmo está dito através do interdiscurso; ou seja, a memória do dizer. O discurso materializado pela palavra ‘herói’, mostra-nos o funcionamento de, ao menos, dois processos discursivos: o herói da luta, da batalha, do sofrível; e o herói que usufrui do *status* da vitória. Ressalta-se que ambos podem ganhar ou perder no seu trajeto.

Uma segunda interpretação possível do sentido de ‘curtir’ aqui está relacionada ao ‘compadecimento ou solidariedade’. O ‘não curtir’ materializado no ‘curtir’ também pode ter o sentido do ‘lamento’, do compadecimento às questões dos outros, pois quando se ‘curte’ a postagem do outro, não necessariamente o sentido de ‘gostar’ está em funcionamento, mas diferentes sentidos podem ser produzidos a partir desta formação discursiva mencionada há pouco (compadecimento).

Em suma, o discurso, bem como a língua é um sistema aberto, onde os sentidos não estão em seu interior já prontos, mas, sim, circulam na mesma intensidade da ideologia. Por isso, não se pode reduzir a produção de sentidos ao funcionamento da língua mais o contexto, mas a processos sócio-históricos que circulam nos discursos, inclusive compreendendo de uma forma constitutiva a produção de sentidos, não sendo reduzidos como uma correlação entre sujeitos e sentidos (ORLANDI, 2015a).

Considerando a linguagem dinâmica, e o discurso sempre em curso, é importante ressaltar que durante a escrita desta pesquisa onde as análises do ícone (‘icons’ que significa ‘ícones’) ‘Curtir’ já estavam sendo elaboradas, um novo ícone é colocado em funcionamento, ou ao menos disponibilizado pela rede social virtual *Facebook* para utilização, o ‘Reagir’. O comando que ‘coloca-nos’ frente a uma nova perspectiva discursiva em relação ao ‘curtir’, pois sendo uma nova formulação, o ícone é representado por várias imagens já utilizadas no meio digital – os ‘*emoticons*’, que do inglês ‘*emotions*’ significa emoção; palavra que mobilizará uma série de paráfrases que mostram o movimento dos sentidos, o que de fato interessa aos analistas de discurso.

Podemos considerar que a utilização de figuras/ícones promove a ilusão de se estar no controle dos sentidos (ORLANDI, 2011). No entanto, a partir da Análise de Discurso, é possível perceber a não contenção dos sentidos, muito menos seu controle, já que a linguagem está em uma relação não-linear com o sujeito, pensamento e mundo.



Figura 6 – Recorte 3: ‘Emoticons’ que buscam representar o ‘reagir’  
Fonte: Página do Facebook (2016)

Este recorte mostra uma nova ferramenta do Facebook, colocada em circulação no ano de 2016, tempos depois dos usuários deste *software* terem a possibilidade de acionar o ícone ‘curtir’, assim podendo ‘retratar’ (mesmo que ilusoriamente) possíveis sensações.

Associado ao comando ‘curtir’, o comando ‘reagir’ (como é nomeado pelo próprio Facebook) funciona como uma espécie de ‘extensão’ do ‘curtir’, associando-se a outros ditos (inter) relacionados ao enunciado – interdiscurso. Quando se posiciona o *mouse* sobre o dispositivo ‘curtir’ em alguma publicação, aparece em fileira horizontal as imagens dos *emoticons*. Portanto, é importante salientar que não existe um ícone/comando próprio para o ‘reagir’ – ele encontra-se dentro do ‘curtir’, de forma a compartilhar de alguma maneira um sítio discursivo.

Ao descrever algo, o sujeito busca tomar o sentido como único, ou seja, através da descrição é engendrada uma espécie de ‘garantia’ de que aquilo que se diz é transparente em relação à “intenção” de quem disse. Porém, através do estudo em Análise de Discurso, chega-se à fundamentação teórica de que a linguagem é atravessada por diferentes elementos, assim a tornando não transparente e repleta de equívocos. Percebe-se, então, na utilização de ícones, imagens, figuras (os *emoticons*) uma tensão entre o verbal e o não-verbal, daquilo que diz como imagem e do que diz enquanto palavras. Por trabalharem com diferentes materialidades, os discursos propõem a circulação de diversos sentidos a partir dos deslizamentos e deslocamentos.

O poder midiático faz uso de imagens, figuras, cores, buscando a significação, ou até uma (re) significação de elementos que circulam nos meios de comunicação, independentemente de sua materialidade. Segundo Orlandi (2011), os sentidos não são estanques e, na relação entre sujeito, interpretação e significação, há dominação e resistência de sentidos. Pensar em sentidos dominantes é trabalhar de uma outra forma a literalidade que, também como memória do dizer, produz incompletudes no jogo dos sentidos. Os fenômenos linguísticos colocam a própria linguagem na dinamicidade do simbólico, quebrando, assim, o paradigma da literalidade, do sentido estar colado nas palavras.

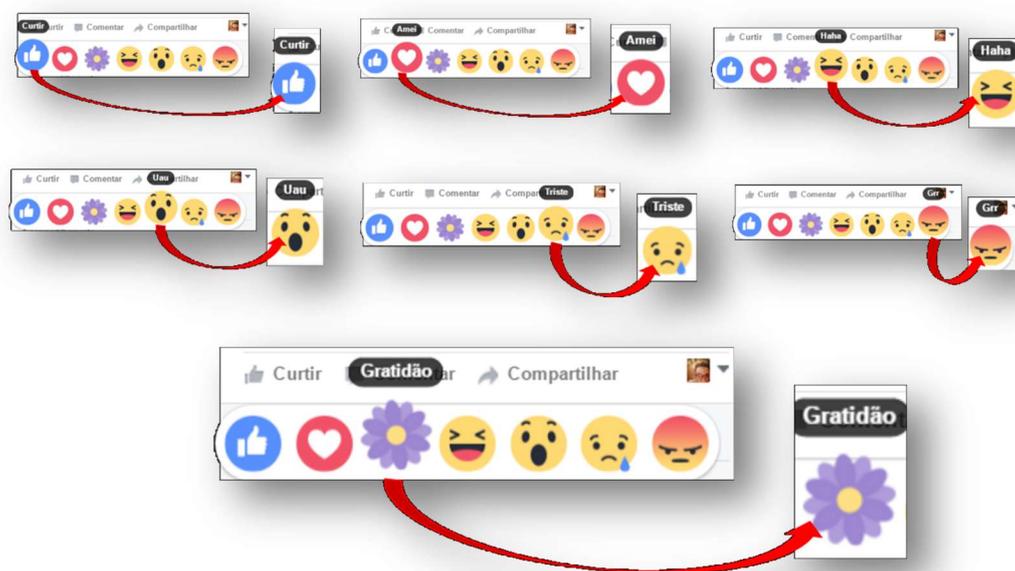
O primeiro ícone desta série de ícones, nomeados pela rede social virtual *Facebook* como ‘Reagir’ é composto pelo próprio ‘curtir’, simbolizado por uma mão com o polegar levantado, remetendo à memória de ‘positivo’. Logo em seguida, um coração branco dentro de um círculo rosa é acompanhado pelo enunciado ‘amei’.

De todos os ícones representados pelo ‘reagir’, o terceiro é materializado por um *emoticon* sorrindo, normalmente utilizado em aplicativos de mensagens *online* e bate-papos de redes sociais – este utiliza da onomatopeia ‘haha’ como nomeação. A expressão ‘uau’ acompanha o *emoticon* figurado pela relação com a surpresa, na qual um rosto ‘boquiaberto’ atenua uma expressão facial bem delineada. O próximo ícone exibe um *emoticon* com traços de ‘cabisbaixo’/‘abatido’, inclusive com uma lágrima saindo do seu olho direito – este vem acompanhado pelo enunciado ‘triste’. A última representação icônica dessa série de *emoticons*, é explicitada por um rosto ‘bravo’, com as sobrancelhas abaixadas, mostrando também o rosto avermelhado, como se estivesse ‘esquentado’ por uma ‘insatisfação’. Ao passar o cursor do *mouse* nesta figura, uma outra onomatopeia é apresentada: ‘grr’.

Uma vez que o processo discursivo conta com o funcionamento de elementos textuais e não textuais para a produção de sentidos, percebe-se então que a incompletude da linguagem deixa de ser velada no caso desse funcionamento específico na medida em que pela apresentação de diferentes materialidades significantes (imagens e palavras) deixa entrever a insuficiência de cada uma delas. É porque não basta a apresentação do *emoticon*, sujeito à múltiplas interpretações, que é necessário apresentar uma palavra associada a ele. Isso desfaz a completude de sentido.

Ao enunciar as palavras, associadas aos ícones de imagens, o *Facebook* silencia outras possíveis, que funcionariam como (co)relações entre reações e efeitos de sentidos. Desta forma, será analisado na sequência, os enunciados organizados no

recorte 4, mostrado pela Figura 7 legendada, que acompanham os *emoticons*, bem como sua superficialidade linguística.



**Legenda:** ‘Curtir’ – Verbo regular em ação; ‘Amei’ – Verbo regular no indicativo/pretérito perfeito; ‘Haha’ – Figura de linguagem/onomatopeia; ‘Uau’ – Interjeição; ‘Triste’ – Adjetivo primitivo; ‘Grr’ – Figura de linguagem/onomatopeia em inglês; ‘Gratidão’ – Substantivo abstrato

Figura 7 – Recorte 4: Ícones, palavras e classes gramaticais  
 Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Observa-se ainda que, além dos seis ícones que buscavam representar de forma clara as possibilidades de reação, um novo ícone foi colocado em funcionamento no dia das mães de 2016, em tal rede social virtual, materializado por um desenho de flor na cor lilás, acompanhada pela palavra ‘gratidão’.

Após a data comemorativa do dia das mães, o ícone denominado de ‘gratidão’ desapareceu do rol de reações possíveis, evidenciando assim a ‘incompletude’ da linguagem no caso específico das reações do *Facebook*, pois se a mesma fosse transparente, não seria necessário criar um ícone temporário para representar a gratidão.

A utilização de diversas classes de palavras que, desfaz por um lado a homogeneidade da nomeação, faz funcionar um efeito de ‘exatidão’ do comando, às custas da variação de classes gramaticais. De certa maneira seria como se o usuário suposto pela ferramenta, ao eleger um destes comandos, excluísse todas as outras possibilidades de ‘reação’, já que somente uma pode ser escolhida.

Ao possibilitar a escolha de diferentes classes gramaticais, porém a partir dos restritos enunciados e ícones, a ferramenta busca ‘amenizar’ a equivocidade do

comando principal ‘curtir’ – ação que é ilusória de controle, quando se trata da dispersão da linguagem e dos discursos. Por não existir uma relação direta entre mundo, pensamento e linguagem, tampouco uma coincidência transparente entre ‘sentimento’ e ‘sentido’, verifica-se, então, que os sentidos sempre estão em fuga, jamais estão colados nos enunciados (ORLANDI, 2012).

### **Considerações Finais**

Considerando as diferentes formas de sociabilidade e interação na referida rede social, observou-se que nem sempre o ‘Curtir’ de uma postagem coloca o ‘gostar’ em funcionamento, onde o mesmo pode produzir, inclusive, uma relação com o usuário que postou. Assim, os deslizos de sentido do ‘Curtir’ ao modo do ‘ver’ movimentam-se no discurso de ‘visualizar’, considerando as condições de produção da rede social, a partir das derivas do ‘Curtir’, e não necessariamente o sentido de gostar.

A circulação dos discursos nas redes sociais perpassa pela materialidade digital, pelo funcionamento dos sentidos, na ilusão de que com ‘um só clique’ a massificação dos relacionamentos, de suas diferenças e complexidades, se resolvam. Segundo Orlandi (2011), mesmo sabendo que os sentidos não são estanques, pensar em sentidos dominantes é trabalhar de uma outra forma a literalidade que, também como memória do dizer, produz incompletudes no jogo dos sentidos.

Conclui-se que a discursividade que funciona no ambiente virtual utiliza de materialidades significativas para produzir sentidos, verificando-se que a linguagem não é transparente, nem tampouco linear, sendo justamente nesta opacidade que o discurso se constrói. A produção de sentidos nas redes sociais sofre constantes deslizos, considerando a relação entre o interdiscurso e a formulação enunciativa do intradiscurso.

### **Referências**

- COSTA, Jurandir F. A Externalização da Subjetividade. **Encantos e Contos**, 2 abr. 2011. Disponível em: <<https://encantosemcontos.wordpress.com/2011/04/02/a-externalizacao-da-subjetividade/>>. Acesso em: 30 mai. 2016.
- KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NUNES, Silvia R. O discurso infográfico e a produção de uma posição-sujeito leitor de informação infografada. **Revista Ecos**, v.15, n. 2, p. 323-348, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. Eni Puccinelli. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos; SILVA, Telma Domingues da. (orgs.) **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas: RG, 2012.

\_\_\_\_\_. Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015a.

\_\_\_\_\_. Eni Puccinelli. **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

Artigo recebido em: 09/10/2017

Artigo aprovado em: 15/11/2017